

de latada, e em outras vezes até arriscando locução de protesto.

Do Nordeste, porém, como já é notório, Luiz Gonzaga nada esqueceu. Cantou-o e encantou-o, expondo ao Brasil tudo que ele tem a oferecer.

Por essa razão, esse reconhecimento não deve ficar restrito somente a Pernambuco, sendo louvável que todos os Estados nordestinos abracem a ideia de homenagear aquele que foi o “garoto propaganda do Nordeste”.

Gonzaga divulgou o Nordeste de canto a canto do País, falou dos encantos das cidades, da costa praieira, das belezas naturais – uma espécie de louvação às principais cidades daquela região.

Ao homenagear a Maceió, revela que **“Alagoas tem joias tão raras que os olhos não cansam de olhar, uma delas és tu, Pajuçara, praia linda engastada no mar”** e, ao final, afirma que **“toda gente que sai de Alagoas deixa o coração em Maceió”**.

Lembra que a Usina de Paulo Afonso, na Bahia, foi o grande empreendimento para redenção do Nordeste, transformando o sonho em realidade: **“Meu Paulo Afonso foi sonho que já se concretizou”**.

Mas **“Rosinha ficou lá em Propriá”** e lá tem que voltar para vê-la, em referência ao Estado de Sergipe.

**“Hoje eu mando um abraço pra ti, pequenina. Paraíba masculina, mulher macho, sim, senhor.”** Aqui, ele demonstra o quanto a Paraíba é forte em suas decisões, rememorando, em especial, a revolução de 1930, na exclamação: **“Eita! Pau Pereira que em Princesa já roncou”**. E não esquece que lá **“tem morena que a natureza lhe confiou a beleza”** e que **“no Piancó quem vai lá não quer voltar”**. E que a **“farinhada na Serra do Teixeira”** é uma festa que não se pode perder, sem esquecer que **“na Prata da Paraíba o forró começa cedo”**.

**“Peguei o trem em Teresina/ Pra São Luís do Maranhão/ Atravessei o Parnaíba/ Ai, ai! que dor no coração.”** Nessa viagem de Maria-fumaça, ele descreve como o povo das cidades lindeiras às ferrovias recebe os passageiros do trem, salientando suas características e os personagens importantes que ali nasceram.

**“Eu vou pro Crato/ Vou matar minha saudade/ Ver minha morena/ Reviver nossa amizade.”** Depois no **Sertão de Canindé** mostra como é bom andar a pé numa estrada, à luz da lua branca e acompanhado de uma morena. Mas, **“moça se vestir de cobra e dizer que é distração, hum! no Ceará, não em disso não!”**

**“Navega, ó Jangada, nesse mar/ Enfeitado de coqueiros/ E coberto de luar.”** Assim descreve as praias do Nordeste, como Areia Preta, no Rio Grande do Norte, e tantas outras.

Todos os Estados foram mencionados em sua música. Em Pernambuco, a voz do Rei vai à Feira de Caruaru, segue para Garanhuns **“onde o Nordeste garoa”**, visita as regiões do Pajeú, do Moxotó, do Brígida, do Riacho do Navio, fala em Vila Bela (hoje Serra Talhada), Serrita da **“missa do vaqueiro”**, Granito, Salgueiro, Taboca, Rancharia, Bodocó, Exu, sua terra natal, para depois chegar ao Recife.

O Recife sempre possuiu essa magia: não há como fazer dela uma descrição seca, afastando-se da poesia que está entranhada entre seus rios e pontes e do bucolismo que está encantado em suas ruas seculares. Aí, Luiz galopa com a rédea solta, sem a preocupação de fazer a poesia, já que o Recife é a própria poesia.

**“Ai que saudade lá de Pernambuco/ De Iputinga, Arruda, Encruzilhada/ De Água Fria, Torre e Dois irmãos/ A saudade tá danada não aguento, não/ Se me aperta mais o peito pego um avião/ Quando lembro de Recife ai que dor no coração... Ai, meu Deus, não posso mais/ Quando eu me lembro da vontade de chorar/ Das noites no Capibaribe/ Das caçadas em Beberibe e das noites de luar...”**

Reconhecer tudo que Luiz Gonzaga fez pelo Nordeste através da música e de sua oralidade é o mínimo que se pode fazer numa homenagem ao seu centenário.

Luiz Gonzaga, o homem, não existe mais entre nós, mas o seu legado tem sido preservado como se vivo fosse. O jornalista Inaldo Sampaio sugere que, **“na medida em que o tempo passa Luiz Gonzaga vai ficando maior”**, sinal de que seu reinado tende a perdurar por muito tempo ainda.

Por fim, meu querido Lua, esta é mais uma homenagem que lhe presto, agora nos seus 99 anos de nascimento.

Muito obrigado.

**O SR. ROBERTO DE LUCENA** (Bloco/PV-SP. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, entre os inúmeros méritos do Parlamento federal brasileiro, podemos citar sua capacidade de revisar e repensar, de maneira crítica, o conjunto de regulamentos a respeito da vida partidária e do sistema eleitoral de nosso País.

Essa tem sido a proposta da Comissão Especial da Reforma Política desta Casa, instalada em 1º de março deste ano e que, desde então, tem trabalhado arduamente na busca do desenho institucional mais adequado ao fortalecimento de nossa democracia e ao enfrentamento de seus principais problemas.

A despeito dos esforços realizados por seu Relator e pelo grupo de Parlamentares mais empenhados

na busca de um consenso mínimo em torno de alguns pontos da ampla agenda da discussão travada naquela Comissão, acreditamos que a proposta merece um exame mais cuidadoso e atento não apenas deste Parlamento, mas de toda a sociedade.

Em primeiro lugar, precisamos analisar com muito cuidado a iniciativa de introduzir a lista fechada nas eleições proporcionais, em especial, porque o Brasil caracteriza-se por oferecer ao eleitorado ampla possibilidade de voto nominal nos candidatos de sua preferência.

Ao mesmo tempo, o sistema proporcional adotado no Brasil contabiliza cada voto em um candidato ou legenda partidária para o conjunto de sufrágios que serão utilizados para o cálculo do quociente eleitoral e partidário. Esse método garante que o voto nominal vincula-se ao voto partidário para o cálculo do número de cadeiras que cada partido ou coligação conquistará na circunscrição eleitoral, ponto importante para a estruturação da representação política por meio dos partidos políticos.

Em contraste com um sistema que tem funcionado há mais de 70 anos no Brasil, a proposta em discussão na Comissão da Reforma Política introduz a lista fechada preordenada, em conjunto com o voto nominal, para a escolha dos Deputados Federais, Distritais e Estaduais e dos Vereadores. Ainda que o voto nominal continue sendo utilizado, pois o eleitor teria dois votos nesse sistema, metade das vagas será preenchida de acordo com o ordenamento da lista partidária.

Assim, no resultado final das eleições proporcionais, na metade das vagas preenchidas o eleitor terá de conformar-se em aceitar o ordenamento dos candidatos tal como foi proposto pelos partidos.

Acredito que devemos caminhar na direção oposta, isto é, ampliar em vez de reduzir o respeito às escolhas do eleitorado e do seu direito de votar nos candidatos de sua preferência.

O respeito ao grau de liberdade do eleitor na escolha dos seus candidatos não passa também pela adoção do financiamento público das campanhas eleitorais. Ainda que a proposta tenha o mérito de buscar reduzir o grau de dependência dos candidatos dos seus financiadores privados, em especial dos grandes doadores, a iniciativa limita excessivamente o grau de liberdade dos cidadãos de contribuírem financeiramente com os candidatos ou partidos de sua preferência. Assim como o voto e o trabalho voluntário em uma campanha eleitoral, a doação de recursos financeiros para a atividade política faz parte do rol dos direitos da cidadania, que não podem ser limitados pela total interferência do Estado na cobertura dos gastos de uma campanha eleitoral.

Ademais, no modelo de financiamento público exclusivo, a distribuição dos recursos entre os partidos baseia-se, na sua parcela mais significativa, na correlação das forças políticas tal como esta ocorria a 4 anos da data da realização do pleito no qual os recursos serão distribuídos. Isto é, a maior parcela dos recursos será distribuída de acordo com os votos dos partidos na última eleição para a Câmara dos Deputados.

Mas e se aquele partido que venceu a última eleição não contar mais com a mesma simpatia do eleitorado? E se outra força ou outro candidato passar a contar com o apoio de significativa parcela da população, estes não estariam impedidos ou impossibilitados de disputar a eleição com os recursos financeiros que seriam correspondentes a sua força atual na sociedade? Não deveríamos permitir que esses candidatos ou partidos fossem buscar, na própria sociedade, os recursos indispensáveis à transformação de sua força política em capacidade efetiva de vencer uma campanha eleitoral?

Salta aos olhos, portanto, que a ideia de ancorar a regra da distribuição dos recursos públicos em votos destinados aos partidos em uma eleição temporalmente distante da percepção atual do eleitorado acabe por engessar demasiadamente a correlação de forças, favorecendo o maior partido no último pleito. Apenas a permissão para que partidos possam buscar recursos privados de seus apoiadores poderá corrigir essa distorção, de modo que a força relativa dos partidos esteja baseada na mensuração do grau de apoio da população no próprio ano no qual será realizada a eleição.

Finalmente, entendemos que o aumento do leque das opções políticas do eleitorado e o fortalecimento do vínculo entre os representantes e os cidadãos passam por uma mudança comportamental dos partidos e candidatos, mas não pela simples alteração da legislação eleitoral. Os candidatos e partidos devem ser criteriosos na construção e no fortalecimento da sua base de apoio eleitoral por meio da apresentação de seus compromissos e de suas propostas, formuladas de modo claro e transparente.

A confiança do eleitor, a legitimidade do Parlamento e o fortalecimento do vínculo da representação política entre o Parlamentar e sua base social devem ser construídos com respeito e confiança mútua, por meio de propostas claras e consistentes e por meio da manutenção do compromisso do representante com a efetividade das suas propostas ao longo do exercício do mandato parlamentar.

Em nossa opinião, a reforma política mais adequada e consistente passa por esse reiterado aprendizado do eleitorado, dos partidos e dos candidatos no estreitamento do vínculo eleitoral e no fortalecimento

dos compromissos entre o representante e os representados. Nada disso poderá ser atingido com a simples mudança das regras eleitorais.

Era o que tinha a dizer.

Muito obrigado.

**O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ** (Bloco/PTB-SP. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, desejo registrar nos Anais desta Casa nosso profundo pesar pelo passamento, ocorrido ontem, 29 de novembro, em São Paulo, do médico e cientista Ricardo Renzo Brentani, Presidente da Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, Presidente da Fundação Antonio Prudente, que mantém o Hospital A.C. Camargo, em São Paulo, e Coordenador do Centro Antonio Prudente para Pesquisa e Tratamento do Câncer.

#### **Morre em SP pioneiro no estudo de câncer no País**

Cientista era diretor-presidente da Fapesp e dirigia a Fundação Antonio Prudente

30 de novembro de 2011 | 3h 04

O Estado de S. Paulo  
Memória

Morreu ontem, em São Paulo, vítima de enfarto, o médico e cientista Ricardo Renzo Brentani, diretor-presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), presidente da Fundação Antônio Prudente (que mantém o Hospital A.C. Camargo) e coordenador do Centro Antonio Prudente para Pesquisa e Tratamento do Câncer. O velório de Brentani, que tinha 74 anos, será no Anfiteatro do Hospital A.C. Camargo, entrada pela Rua Tamandaré, 766, a partir das 7h.

Nascido em Trieste, Itália, Brentani graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1962. Doutorou-se em 1966 pelo Departamento de Química Fisiológica e Físico-química da FMUSP. Brentani foi um precursor da pesquisa de câncer no País. Foi o primeiro professor titular da disciplina de Oncologia em uma universidade brasileira - na própria Faculdade de Medicina da USP - , e também idealizou e implementou o primeiro curso de pós-graduação em um hospital privado brasileiro, o Hospital do Câncer A.C. Camargo, instituição de referência em pesquisa, ensino e assistência oncológica.

"Ele deu início à carreira de oncologia na época em que o conceito era muito novo e nem sempre aceito na comunidade médica e universitária. Seus esforços tornaram possível a grande capacidade instalada que temos hoje na área e foi o embrião de tudo o que estamos vendo na USP em relação à pesquisa sobre câncer", disse Paulo Hoff, diretor-geral do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp), diretor do Centro de Oncologia do Hospital Sírio-Libanês e professor de Oncologia na FMUSP.

Brentani atuava principalmente com estudos relacionados ao papel do nucléolo no processamento de mRNA, à caracterização de mRNAs de colágenos e à adesão celular e metástase.

Ricardo Brentani atuava principalmente com estudos relacionados ao papel de nucléolo no processamento de mRNA, à caracterização de mRNAs de colágenos e à adesão celular e metástase. Doutorou-se em 1966, pelo Departamento de Química Fisiológica e Físico-Química da FMUSP. Brentani foi o primeiro professor titular da disciplina de Oncologia em uma universidade brasileira. Pessoa de nosso estreito relacionamento, com quem convivemos por longos anos. Deixamos aqui o nosso abraço à família enlutada e o nosso adeus.

Requeiro, ainda, que seja inserido nos Anais da Casa artigo publicado em **O Estado de S. Paulo** de hoje, 30 de novembro, que faz referência ao nosso querido Ricardo Renzo Brentani.

*MATÉRIA A QUE SE REFERE O ORADOR*